

ESSE TAL TRANSPLANTE

Muita chuva. Foi um verão molhado. Justamente por isso vários amigos ficavam restritos ao abrigo doméstico. O que fazer então estando esses amigos reclusos, em 1816, em uma casa às margens de um lago nas cercanias de Genebra, na Suíça? Conversar e tomar chá. Em meio ao bate-papo, a conversa chega até as experiências do filósofo e poeta Erasmus Darwin, que no século anterior afirmou publicamente ter animado matéria morta e, assim, ter aberto uma porta para viabilizar a volta à vida de um cadáver ou partes do corpo de um morto.

Participava dessa mórbida conversa uma jovem britânica, Mary Shelley, que dois anos depois, em 1818, publicaria o romance *Frankenstein*. O livro, como sabemos, se destacou muito na literatura ocidental especialmente por mesclar o romance com o terror. De jovem desconhecida, Mary se tornaria uma escritora imortal.

Em resumo, o livro conta a história de Victor Frankenstein, um fanático pelas ciências naturais que tenta — e consegue — dar vida a um cadáver.

Ao longo da história da humanidade situações como essa, narrada pela escritora britânica em seu romance, intrigam a nossa imaginação. Há muito tempo, inclusive em termos mitológicos, a mescla de órgãos já fascinava os homens. A Medusa, com seus cabelos de cobra, e o Minotauro, com sua cabeça de touro (só para citar dois exemplos bem conhecidos).

A possibilidade de dar vida a um ser inanimado, assim como a de colocar um órgão de uma pessoa dentro de outra pessoa é um tanto inusitado.

A fé também motivou, de certa forma, a ideia de se transplantar. Os santos médicos, Cosme e Damião, que aproximaram muito a medicina da caridade (uma vez que ajudavam as pessoas sem cobrar nada por isso), certa vez “trocaram” uma perna imprestável de um sacristão por outra extirpada de um mouro falecido.

Assim, chegamos no “trocar um órgão doente por outro saudável”. O resumo minimalista do transplante.

Afinal de contas: o que é um transplante? Basicamente e em linguagem bem coloquial, o transplante é tão somente a substituição de órgãos doentes por órgãos saudáveis, proveniente de um doador.

Esse doador pode ser vivo ou recém-falecido. Trata-se, no caso da insuficiência renal crônica, do procedimento mais efetivo e com a melhor relação custo x benefício para a reabilitação do paciente. Falando assim parece simples.

Ainda falando sobre rins, o primeiro transplante renal foi realizado em 1902 por um profissional de nome um tanto estranho: Emerich Ullman. Aconteceu em Viena, na Áustria, e foi um tanto bizarro. Primeiro, porque aconteceu com um animal, um cachorro. Segundo, porque ele, como pesquisador, retirou o rim do animal e o enxertou no mesmo animal na altura do pescoço.

Já o primeiro transplante renal humano aconteceu na Ucrânia, em 1933, e foi conduzido pelo cirurgião Yuri Voronoi. O resultado, porém, não foi positivo. A receptora de 26 anos morreu quatro dias após o transplante.

Os transplantes renais, como pesquisa, continuaram acontecendo e nos anos 1950, Paris e Boston disputavam palmo a palmo qual desses dois centros médicos conseguiria se consolidar e entrar para a história.

Não tinha jeito. A cirurgia em si fluía bem, mas o pós-operatório era um problema. Não havia, na época, um medicamento capaz de impedir a rejeição do órgão, e de vários transplantes que ocorreram apenas um paciente sobreviveu (mesmo sem contar com um fármaco que lhe ajudasse no combate à rejeição).



Frankenstein e o fascínio do homem pela ciência e pelo desconhecido.

Segundo o que pesquisei, o primeiro transplante de rim que teve êxito aconteceu na França, em 1952, e foi coordenado por dois homens que deixaram seus nomes para a história: dr. Jean Hamburger e René Küss. Eles realizaram um transplante renal em um jovem carpinteiro (com 16 anos de idade), Marius Renard, que sofrera um acidente e perdera o seu único rim. A corajosa doadora foi sua mãe. A sobrevivida conquistada por ele não foi significativa, se comparada aos dias atuais : apenas três semanas. Hoje, pode parecer pouco para nós, mas à época, se não fosse o transplante, ele teria morrido imediatamente. Imagine, então, ter essa sobrevivida. Quase um milagre!

Essa mesma equipe, anos depois, em 1965, realizou o primeiro — e revolucionário — transplante bem-sucedido de um rim proveniente de um doador já falecido.

Os trabalhos e avanços do dr. Jean foram tão significativos para a nefrologia que até hoje a Sociedade Internacional de Nefrologia premia — com o Jean Hamburger Award — as pesquisas mais proeminentes em nefrologia com ênfase clínica.

Aliás, o termo “nefrologia” foi utilizado pelo dr. Jean pela primeira vez no I Congresso Internacional de Nefrologia, realizado em Genebra, em 1960. Além disso, ele teve forte participação na confecção da primeira máquina de hemodiálise colocada em funcionamento no mundo. Que espírito iluminado! Um homem especial. Poxa! Graças ao talento, à dedicação e outras tantas virtudes de um tal Jean “Hamburguer”, e não tem nada a ver com o McDonald’s, eu e outras milhares de pessoas mundo afora estamos vivas! É de chorar!

A revista *Veja*,¹ em sua edição eletrônica, no ícone “Saber mais”, afirma, porém, que o primeiro transplante de rim bem-sucedido ocorreu em 1954, em Boston, nos Estados Unidos e foi conduzido pelo Dr. Joseph Edward Murray (prêmio Nobel de Fisiologia/Medicina, em 1990, pelo desenvolvimento de técnicas de transplante de órgãos). O rim de um irmão foi transferido para o outro. Os irmãos, detalhe, eram gêmeos univitelinos. Há no texto uma observação interessante: “À época, o volume de sangue perdido pelos pacientes devido ao procedimento impressionava até o mais frio dos cirurgiões”. Vai vendo! Nessa mesma sala de cirurgia havia outro líder, o dr. John Putnam Merrill, que para alguns é o “pai da nefrologia” e que morreu tragicamente em

¹ <<http://veja.abril.com.br/perguntas-respostas/transplante-orgaos.shtml>> outubro de 2009.

um acidente. Devido à rejeição, porém, o gêmeo-paciente morreu onze dias após a cirurgia. Ficou claro, a partir desse procedimento, que um dos grandes problemas a serem superados era o imunológico. Após inúmeras pesquisas surge, então, na década de 1960, também em Boston, uma droga pioneira, a Azatioprina. O medicamento foi usado primeiro em cães. Após os resultados exitosos, transferiu-se o seu uso para humanos. A partir daí, o corticoide e a Azatioprina foram os dois imunossupressores utilizados até os anos 1980 (quando, enfim, a Ciclosporina entrou em campo).

No caso dos primeiros transplantes de fígado, continua a matéria, o procedimento cirúrgico durava espantosas 24 horas e fazia parte dos equipamentos hospitalares que davam suporte à operação uma bomba de infusão rápida que injetava no paciente quase 20 litros de sangue.

Enfim... Boston e Paris... Brigando cabeça a cabeça. De quem é o mérito do primeiro transplante? Podemos deixar essa disputa empatada devido à genialidade envolvida, certo?

E no Brasil? Há certa divergência sobre o primeiro transplante renal realizado por aqui. Alguns poucos consideram o transplante, realizado em abril de 1964, no Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro, o primeiro do Brasil e da América Latina. Porém, se considerarmos a sua não-publicação em termos científicos o feito perde força. Para os anais da história brasileira e científica restou, nesse caso, apenas uma matéria no jornal *O Globo*.

Para a grande maioria, porém, o transplante realizado no Hospital das Clínicas de São Paulo, em 1965, foi o primeiro. O procedimento foi comandado pelo professor Jerônimo Geraldo de Campos Freire, cabendo a coordenação clínica ao professor Emil Sabbaga. Na verdade, começava ali o primeiro programa de transplante renal brasileiro, em que a solução do transplante passava a ser uma alternativa real para os pacientes portadores de insuficiência renal crônica. É com grande alegria que comento: o meu médico, dr. Luiz Estevam Ianhez, participou desse feito.

O primeiro transplante de rim cadáver no Brasil aconteceu em 1968 e foi realizado no Hospital da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto.

Encerro este capítulo com um trecho do livro Frankstein, de Mary Shelley:

Eu vi o pálido estudante de artes profanas ajoelhado ao lado da coisa que ele tinha reunido. Eu vi o fantasma hediondo de um homem estendido e, em seguida, através do funcionamento de alguma força, mostrar sinais de vida, e se mexer com um espasmo vital. Terrível, extremamente assustador seria o efeito de qualquer esforço humano na simulação do estupendo mecanismo de Criador do mundo.²

² SHELLEY, Mary. Frankenstein: or the Modern Prometheus. ed. Lackington, Hughes, Harding, Mavor & Jones, 1818.